

30 de Março de 1944

O Último Voo

Naseby

Caminhou até à sebe que delimitava o campo de aviação.

Um antigo ritual de reconhecimento de fronteiras. Os homens chamavam-lhe o seu «passeio higiénico diário» e inquietavam-se se não o fazia. Eram supersticiosos. Todos eles.

Para lá da sebe ficavam os campos nus, arados no outono anterior. Não esperava assistir à alquimia da primavera, ver o castanho embotado da terra passar a verde vivo e depois a ouro pálido. Um homem podia medir a sua vida pelo número de colheitas. Tinha visto que chegasse.

Estavam rodeados por terras planas de cultivo. A casa de quinta ficava mais à esquerda, sólida e imóvel. De noite, acendiam uma luz vermelha no telhado para impedir que os aviões fossem contra ela. Se a sobrevoavam, quando se preparavam para aterrar, sabiam que tinham ultrapassado a pista e que estavam em dificuldades.

Do lugar onde estava, podia ver a filha do lavrador, no terreiro, a dar de comer aos gansos. Não havia uma lengalenga sobre a filha de um lavrador? Não, estava, provavelmente, a pensar naquela da mulher do lavrador que cortava a cauda a três ratos com um cutelo. Uma imagem atroz. Pobres ratos, pensava quando era miúdo. Continuava a pensar o mesmo, agora que era um homem. As lengalengas eram sempre tão violentas.

Nunca conhecera a filha do lavrador, nem sequer sabia o seu nome, mas tinha por ela uma afeição desmesurada. Acenava-lhes sempre em sinal de despedida quando descolavam. Às vezes, acompanhava-a o pai, e uma ou duas vezes a mãe, mas a presença da rapariga no terreiro era uma constante em todas as missões.

A rapariga viu-o e acenou-lhe. Ele fez-lhe a saudação militar para retribuir o gesto. Imaginou que apreciasse. Obviamente, àquela distância, ele era apenas um uniforme. A rapariga não fazia ideia de quem fosse. Era um entre tantos outros.

Teddy assobiou para chamar o cão.

1925

Alouette

— Olha! — disse ele. — Ali, uma cotovia. — Virou-se para ela e viu que olhava na direção errada. — Não, ali — disse ele, apontando. Ela era um caso absolutamente perdido.

— Ah — disse ela por fim. — Sim, estou a ver! Que estranho... O que está ela a fazer?

— A planar e depois provavelmente volta a subir. — A cotovia elevou-se no ar entoando o seu canto transcendental. O voo trémulo do pássaro e a beleza da sua música despertaram nele um emoção profunda e inesperada. — Estás a ouvir?

A sua tia pôs a mão em concha sobre a orelha num gesto teatral. Era excêntrica como um pavão, com o seu chapéu insólito, vermelho como um marco de correio, com duas grandes penas de cauda de faisão, que se agitavam ao mais pequeno movimento da cabeça. Não se surpreenderia se alguém lhe desse um tiro. *Quem me dera*, pensou ele. Teddy estava autorizado — autorizava-se a si mesmo — a ter pensamentos bárbaros desde que não os pronunciasse em voz alta. («As boas maneiras», dizia sempre a mãe, eram «a armadura que devemos vestir todas as manhãs ao acordar.»)

— A ouvir o quê? — disse a tia por fim.

— O canto — respondeu ele, enchendo-se de paciência. — O canto da cotovia. Agora parou — acrescentou ele, já que ela continuava a esticar a orelha em pose teatral.

— Pode ser que recomece.

— Não, não recomeça. Foi-se embora. Voou. — Bateu os braços a título ilustrativo. Apesar das penas que tinha no chapéu, era evidente

que não sabia nada sobre pássaros. Nem, de resto, sobre animal nenhum. Não tinha sequer um gato. Era indiferente a *Trixie*, a sua Lurcher, que nesse preciso momento, de nariz colado ao chão, explorava com entusiasmo a vala seca ao longo da estrada. *Trixie* era uma companheira fidelíssima, estava com Teddy desde cachorrinha, era tão pequena que passava pela porta da casa de bonecas da irmã.

Teria de ensinar coisas à sua tia?, interrogou-se. Era por isso que ali estavam?

— A cotovia é conhecida pelo seu canto — disse de modo instrutivo.

— É muito bonito.

Era evidentemente impossível ensinar a alguém o que fosse a beleza. *Existia* simplesmente. Ou se era tocado por ela ou não se era. As suas irmãs, Pamela e Ursula, eram. O irmão mais velho, Maurice, não era. O seu irmão Jimmy era pequeno de mais para saber o que era a beleza, o seu pai, talvez demasiado velho. O pai, Hugh, tinha um disco de gramofone chamado «O voo da cotovia», que às vezes ouviam nas tardes chuvosas de domingo. Era bonito, mas não tão bonito como o canto da cotovia ao natural. «O propósito da arte», dizia — professava mesmo — Sylvie, sua mãe, «é *exprimir* a verdade de uma coisa, não *ser* a verdade em si.» O seu próprio pai, avô de Teddy, morto há muito tempo, fora um artista famoso, uma relação de parentesco que dava à sua mãe autoridade em matéria de arte. E de beleza também, imaginava Teddy. Todas estas coisas — Arte, Verdade, Beleza — tinham letra maiúscula quando a mãe falava sobre elas.

— Quando a cotovia voa alto — retomou sem grande esperança — significa que está bom tempo.

— Bom, não precisamos de um pássaro para saber se o tempo está bom ou mau, basta olhar à volta — disse Izzie. — E está uma tarde gloriosa. Eu adoro o sol — acrescentou, fechando os olhos e erguendo o rosto maquilhado para o céu.

E quem não adorava?, pensou Tedd. Talvez a sua avó, que levava uma vida melancólica, encerrada no salão de Hampstead, com as suas pesadas cortinas de algodão, sempre corridas, para impedir que a luz entrasse. Ou talvez para impedir a escuridão de sair.

«O Código do Cavaleiro», que aprendera de cor no *Escutismo para Rapazes*, um livro a que voltava frequentemente em tempos de incerteza, mesmo agora que já não fazia parte dos escuteiros, exigia que os rapazes se dispusessem a executar «as mais penosas e humildes tarefas com boa disposição e boa vontade». Talvez fazer companhia à tia Izzie fosse uma dessas tarefas. Penosa era, certamente.

Protegeu os olhos do sol com a mão e percorreu os céus à procura da cotovia. A ave não voltou a aparecer e teve de se contentar com o voo acrobático das andorinhas. Pensou em Ícaro e perguntou-se que aspeto teria visto de terra. Devia ser muito grande. Mas Ícaro era um mito, não era? Teddy ia para o colégio interno a seguir às férias de verão e tinha mesmo de começar a pôr os seus conhecimentos em ordem.

— Sê estoico, rapaz — recomendou-lhe o pai. — Será uma provação, e, na verdade, é esse o objetivo, suponho eu. O melhor é não criar grandes ondas — acrescentou. — Não mergulhar nem ficar à tona, adotar um meio termo.

«Todos os homens da família frequentaram essa escola», dissera a avó de Hampstead (a sua única avó, a mãe de Sylvie morrera há muito), como se fosse uma lei que vigorasse desde tempos imemoriais. O filho de Teddy teria a mesma sorte, provavelmente, embora esse rapaz existisse num futuro que Teddy não era sequer capaz de imaginar. E a verdade é que não seria preciso, porque não viria a ter filhos, só uma filha, Viola, coisa que haveria de lhe causar tristeza, apesar de nunca falar sobre isso, muito menos com Viola, que ficaria mortalmente ofendida.

Teddy surpreendeu-se quando Izzie se pôs inesperadamente a cantar e — coisa mais extraordinária — a dançar.

— *Alouette, gentille Alouette.*

Ele não sabia nada de francês e pareceu-lhe que em vez de «gentille» ela dizia «javali», um animal de que gostava bastante.

— Conheces esta canção? — perguntou-lhe ela.

— Não.

— É dos tempos da guerra. Cantavam-na os soldados franceses. — A sombra fugaz de qualquer coisa — amargura talvez — passou-lhe pelo rosto, mas, logo a seguir, disse alegremente: — A letra é horrível. É sobre um pobre de um pássaro a quem arrancam as penas, os olhos, as pernas, etc.

Naquela inconcebível e no entanto inevitável guerra que ainda estava para vir — a guerra de Teddy —, *Alouette* seria o nome do Esquadrão 425, o dos franco-canadianos. Em fevereiro de 1944, pouco antes do seu último voo, Teddy fizera uma aterragem de emergência na sua base em Tholthorpe, com dois dos motores em chamas — fora atingido ao atravessar o Canal da Mancha. Os quebequenses serviram aguardente à sua tripulação — uma aguardente bastante grosseira que não obstante aceitaram reconhecidos. A insígnia do esquadrão tinha uma andorinha sobre o mote *Je te plumerais*, que lhe recordara esse dia passado com Izzie. Era uma recordação que parecia pertencer a outra pessoa.